REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral doscorreios)	5$000	2$500	—$—	—$—

25.º Anno — XXV Volume — N.º 834

28 DE FEVEREIRO DE 1902

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

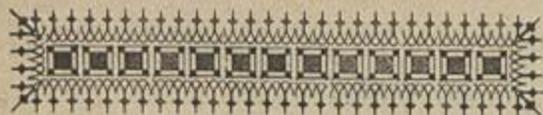
OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

IV Centenario de Damião de Goes

DAMIANVS A GOES.

Thucydides gentis enarrat gesta Pelasgæ
Romanis claret Liuius in Decadiv
Hic, alia vt taceam serâ data scripta senectâ,
ÆTHIOPVM accepit nomen ab HISTORIA.

FAC-SIMILLE DE UM RETRATO GRAVADO EM COBRE POR ALBERTO DURER

CHRONICA OCCIDENTAL

Deus super omnia!

Assim diziam sempre os que escreviam juizos do anno em suas folhinhas e assim se sangravam em saude dos muitos despauterios de suas prophecias.

Sabichões d'outro genero clamam que hão de continuar em março os temporaes de fevereiro. Longe vá o agoiro. Telegrammas de Coimbra, de Leiria, de Santarem dizem-nos que estão os campos todos alagados, que o Mondego, o Liz, o Tejo se transformaram em grandes lagos.

Pois *Deus super omnia*, como dizia o padre Vicente Ferreira.

Raras vezes o mau tempo tem sido de tão prolongada duração. A' hora em que escrevo, o Tejo mostra-se furioso e o sudoeste assopra sua symphonia mais tetrica.

De toda a provincia traz o telegrapho grandes queixas; mas Lisboa continúa em sua vida costumada n'este tempo, salvo a concorrencia na Avenida.

Fala de theatros e de politica e vai gosando a seu modo dos grandes exitos e dos grandes fiascos.

S. Carlos deu-lhe agora a fio, e para variar, dois espectaculos d'esses: o desastrado *D. João* de Mozart e o grande triumpho na *Tosca* da sr.ª Bellincioni e do sr. Garbin.

A recita d'esta ultima obra deveria até certo ponto deixar socegado o sr. Pacini, que dois dias antes tinha ido desafiar para uma troça o convidado de pedra. A não ser que elle seja um coração mais empedernido que o do celebre conquistador, Mozart n'um pesadelo deve de ter-lhe apparecido, como é da praxe aos criminosos.

Chama-se a isso um remorso, e se, muita vez, por fanfarria, andamos a desafiar estatuas, o arrependimento, com seu cortejo de insomnias e de tremores frios, depressa e caro nos faz pagar o atrevimento impensado.

Como dormiria o sr. Pacini n'aquella noite em que desafiou Mozart? Talvez peor que o Bicha, que a dormiu sabe Deus onde. Verdade é que o espectro que surge nos pesadelos do Bicha chama-se apenas a Policia.

Ora ahi está um criminoso que deveras atrahiu as sympathias. E o caso é que todos são por elle. A caçada continúa. D'um lado matilhas d'optimo faro e caçadores armados desde os pés até á cabeça, do outro o Bicha sósinho com a sua audacia e a sua intelligencia.

Depois da atrevidissima fuga da torre de S. Julião, ninguem esperava que elle pudesse commetter proeza de maior vulto. E vai d'ahi, planeia todo um romance com muito maior fantasia que Ponson du Terrail, e põe-o em pratica com um desassombro e uma graça que nunca tiveram os heroes do popular auctor do Rocambole. Engana o pobre companheiro de calaboiço, cavaqueia com elle até de madrugada, deixa-o depois mergulhar em somno profundo, imita-o no arranjo do lenço na cabeça, responde por elle á chamada, engana a policia, engana o escrivão na Boa-Hora, e põe-se ao fresco deixando que toda a gente exclame: — Bravo, seu patife! Ora queira Deus que te não deitem mais a unha!

O Bicha passou a ser uma celebridade. Ora nós não temos tanta abundancia d'ellas, que assim possamos desprezar o que tão de repente nos apparece em sua aurora a despertar gargalhadas.

Se não fosse um desacato, até apostariamos que, durante a sessão commemorativa do centenario de Victor Hugo nas salas da Sociedade de Geographia, o Bicha atravessou o pensamento de muito espectador, tal foi o enthusiasmo que de toda a gente se apoderou ao ter conhecimento da sua ultima façanha.

O proprio Victor Hugo, se o soubesse, sorriria, elle que criou tão bons typos no seu livro immortal dos *Miseraveis*.

A homenagem prestada ao grande poeta foi da iniciativa da *Associação dos Jornalistas* e realisou-se no dia 26, centesimo anniversario do nascimento de Victor Hugo.

Ao fundo da grande sala *Portugal* erguia-se sobre um pedestal, entre colxas e palmas, o busto do poeta que assombrou o mundo, obra prima de Rafael Bordallo Pinheiro. Toda a bondade genial do poeta reluzia em sua fronte augustissima.

O nosso collega Brito Aranha, tendo como secretarios Jayme Victor e José Parreira, abriu a sessão, perante numeroso auditorio que enchia a sala enorme. Em poucas palavras resumiu a historia da influencia benefica da obra de Victor Hugo, recommendando sua leitura á mocidade.

Adeantou-se então o intelligentissimo actor Ferreira da Silva, encarregado de dizer os inspirados versos que Guerra Junqueiro expressamente escreveu para esta commemoração. São tão bellos que crime seria deixar de transcrevel-os.

Teem como epigraphe o verso de Victor Hugo

Vivons et pensons à genoux.

Calculem que impressão fariam estas estrophes admiravelmente recitadas como foram.

Em Hugo adoremos a flôr da Poesia,
A mystica flôr,
Tecida com beijos de luz e harmonia,
Gerada por alma da graça e do amôr.

Em Hugo adoremos o genio bemdito,
O genio sem par,
Que mostra visivel o Deus Infinito
Nas linhas da estatua de bronze ou granito,
Nas syllabas pobres d'um verso a cantar.

Em Hugo adoremos a voz da tristeza,
Symphonica luz,
Resando o calvario da Mãe-Natureza,
— Quer tábua nas ondas, quer pão sobre a mesa,
Quer fera na jaula, quer homem na cruz.

Em Hugo adoremos o meigo gigante,
O claro titan,
Que arrasa os baluartes do mal triumphante
E ampara a verdade com o seu montante,
Brilhando na gloria do sol da manhã.

Em Hugo adoremos o verbo d'esperança,
O Deus Germinal,
Que inflamma as estrellas, os monstros amansa,
Gorgeia na ave, sorri na creança,
E esplende na aurora do beijo immortal!

Mas como adoral-o? Dando a vida ao canto,
Traduzindo o som;
O hymno piedoso, mais bello e mais santo,
Não tem mais piedade, mais dorido encanto,
Que a lagrima triste d'um mendigo bom.

Em Hugo adoremos o Deus que o inspira;
Será nosso irmão:
Irmana se ao genio quem a Deus aspira...
O fulgor que brota da mais alta lira
Cabe no mais rude, simples coração.

O mestre adoremos, enlacemos palmas
Em torno á belleza, que é Verdade e Amor:
Seu olhar que doire nossas frontes calmas,
Venha a nós seu genio para as nossas almas,
Como a luz dos astros para a terra em flôr!

Falaram os srs. Consiglieri Pedroso e Magalhães Lima que exaltaram a obra do grande espirito que illuminou mais de tres quartas partes do seculo XIX brilhantissimo.

A sessão terminou pelas palavras que Guerra Junqueiro escolhera para epigraphe dos seus versos. «Vivamos e pensemos de joelhos» disse Magalhães Lima ao findar seu discurso.

As distinctas actrizes Lucinda Simões, Lucilia, Georgina Pinto e Laura Cruz recitaram traducções d'algumas das mais celebres poesias de Hugo e assim concorreram com seu talento para dar á festa maior distincção.

Victor Hugo não é só da França, disse e muito bem o sr. Brito Aranha. Telegrammas de Paris dizem-nos que, no meio da enthusiastica apotheose que fizeram ao poeta querido, a todos foi sensivel a modesta consagração que lhe fizeram os jornalistas portuguezes.

Este seculo parece caprichar em pagar suas grandes dividas. Agora foi Victor Hugo o commemorado; ha dias aqui falámos da reunião que na mesma Sociedade de Geographia se realisou para que fosse a Garrett paga a divida de gratidão que ha muito se lhe deve.

Torna a falar-se na trasladação do seu cadaver para o pantheon dos Jeronymos. Deveria ser essa de certo uma das mais enthusiasticamente recebidas de todas a homenagem que deve prestar-se ao maior dos dramaturgos portuguezes, áquelle a quem mais deve a nossa litteratura, caminhando a passos gigantes na primeira metade do seculo que findou. Mas devia em Garrett abrir-se o exemplo de não prestar a ninguem a piedosa homenagem d'essa trasladação, sem que houvessem sobre sua morte passado ao menos cincoenta annos. Dentro em muito breve esse anniversario vai passar para o genial criador do *Frei Luiz de Sousa*. Deve ser esse o dia escolhido para pagamento da divida que Portugal contrahiu para com um dos maiores dos seus poetas. Onde está Camões, com João de Deus e com Alexandre Herculano, deve ter logar Garrett, no magestoso templo que tão admiravelmente descreveu no seu *Camões*.

Falamos de mortos illustres e triste é que tantas vezes as columnas d'esta chronica tenham de pôr o travessão de luto.

Cabe-nos agora o dever de o fazer noticiando a morte d'um illustre official da marinha portugueza, cujo passado glorioso o impunha á consideração de quantos o conheciam,

Na madrugada do dia 26 falleceu na sua casa da rua da Crèche o sr. almirante Baptista de Andrade.

Tendo-se alistado na armada aos 14 annos, em setembro de 1833, contava portanto muito perto de setenta annos de relevantissimos serviços, constantes de muitas portarias de louvor.

A biographia do distincto marinheiro contanos muitos factos heroicos a que o impelliram o seu patriotismo.

Era conselheiro de estado effectivo e chefe da casa militar de El-rei, Sr. D. Carlos. Possuia entre muitas outras condecorações a grã-cruz da Torre e Espada.

Dotado da maior modestia, apesar da sua elevada posição, não quiz que no seu enterro lhe fossem prestadas as honras militares.

Foi um portuguez ás direitas, e n'estas simples palavras resumiremos o seu maior elogio.

E' d'homens assim que muito precisamos nos tempos que vão correndo.

Após uns dias de luz mais clara, apparecem novamente sombras no horisonte da politica. Torna a agitar-se a questão dos credores.

Em peores circumstancias que as nossas achamse, porém, os nossos visinhos hespanhoes. A grève geral em Barcelona, o estado exaltado dos animos em muitas outras povoações de Hespanha foram o assumpto mais importante dos ultimos dias.

Vão as coisas serenando, mas até a forma por que certos jornaes da Galliza acolheram com artigos enthusiasticos a visita dos estudantes portuguezes, prova o desconsolo com que no paiz visinho são recebidos os ultimos actos do governo.

Noticias posteriores dizem-nos que os animos se vão serenando e que as cidades vão tomando seu aspecto normal.

Terminaremos como começámos: *Deus super omnia.*

João da Camara.

DAMIÃO DE GOES

No corrente mez de fevereiro, em dia incerto d'este anno de 1902, faz quarto centos annos que, na villa de Alemquer, nasceu uma criança, filho de familia fidalga, embora pouco abastada, destinada a honrar o nome portuguez, mais talvez no estrangeiro do que na propria terra, e destinada a ser o exemplo mais frizante, durante uma vida assaz longa, de quanto o homem pode subir, bafejado pela fortuna, e de quanto pode soffrer physica e moralmente quando a roda desandar.

Celebra-se n'este mez o quarto centenario de *Damião de Goes*, no mesmo anno em que se commemora o centenario dos primeiros ensaios dramaticos de Gil Vicente, e se trata de glorificar o nome e de trasladar as cinzas de Almeida Garrett.

Poucos são os homens eminentes da patria, e mesmo os sabios do estrangeiro, cujas biographias e obras tem sido tão estudadas, e o objecto de tão continuadas e laboriosas investigações, como as de *Damião de Goes*. Parece ter havido uma attracção especial no véo misterioso que occultava uma boa parte dos incidentes da sua vida, e nos erros, chronologicos e outros, que tanta confusão fizeram na ligação dos factos; porque obreiros não tem faltado para remecher, em todos os sentidos, o rasto que deixou na sua passagem pela terra; e, na verdade, muito se tem descoberto, graças á assiduidade, sagacidade e dedicação dos principaes d'esses obreiros, Lopes de Mendonça, Sousa Viterbo e Joaquim de Vasconcellos.

Com tudo, os mais competentes continuam a confessar que a ceára ainda não tem a maturação precisa para se poder fazer a debulha e recolher-se o grão apurado. Ainda ha pontos que carecem de ser esclarecidos. Não chegou ainda o momento proprio para se poder escrever uma biographia do illustre vulto alemquerense que esteja á altura do seu grande merecimento, e na qual se faça a devida justiça aos seus actos, suas crenças e sentimentos, confrontando a indole que os motivou com as circumstancias e as relações que tanta influencia deviam ter no seu animo.

Temos, pois, de nos limitarmos na curta biographia que vamos esboçar, aos factos positivos e provados da sua vida, sem entrar em apreciações, e, segundo esta orientação, diremos que *Damião*

de Goes nasceu em fevereiro de 1502 na *villa* de Alemquer, e na freguezia, hoje extincta, de Nossa Senhora da Varzea, da qual seus paes eram parochianos.

Baseado em uma tradição local, tem-se dito que nasceu na quinta do Barreiro, d'aquella freguezia, e a Camara Municipal de Alemquer mandou collocar uma pedra nas casas da quinta commemorando o facto. Hoje sabe-se que aquella propriedade pertencia a elle e a seus paes e avós, mas nenhum d'estes teve ahi residencia.

Com a auctoridade de uma biographia publicada nos *Retratos e Elogios de Varões e Donas*, acreditou-se mais que fora em 1501 que elle viu a luz, mas as palavras do proprio Goes vieram estabelecer o facto que nasceu em fevereiro de 1502, porque assim declarou, debaixo de juramento, no auto das perguntas que lhe foram feitas no Santo Officio, em 19 de abril de 1571.

Pela parte do pai, Goes era de nobre estirpe, pois descendia de D. Anião da Estrada, fidalgo de geração. A mãe era de mais modesta origem. Embora natural de Alemquer, era filha e neta de commerciantes flamengos, vindos a Portugal tratar de negocios da infanta D. Isabel, esposa do Duque de Borgonha, Filippe «o Bom», e que aqui fixaram residencia.

Quatro vezes casou Ruy Dias de Goes, pai de DAMIÃO DE GOES, e foi da quarta esposa, Isabel Gomes de Limi, a companheira querida da sua sua velhice, que teve o chronista e mais tres filhos:—

Manuel de Goes,
Balthazar Dias de Goes e
Antonia de Goes.

Aos nove annos DAMIÃO foi inscripto no rol dos fidalgos da Casa Real, e, dous annos depois, em 29 de novembro de 1513, ficou orphão de pai, que jaz, com os seus progenitores, na egreja do convento de S. Francisco d'Alemquer. Felizmente, a mãi era uma senhora exemplar, amantissima dos filhos e, em especial, de DAMIÃO, mas, ao mesmo tempo, justa e prudente, como de sobejo é provado pelo testamento com que falleceu a 25 de janeiro de 1532.

Favorecido com a protecção da Rainha viuva, de quem seu pai fôra almoxarife em Alemquer, GOES entrou bastante moço no Paço, aonde seu meio irmão, Fruitos de Goes, já se achava de serviço, e em 1517 era muito estimado d'el-rei D. Manuel, como o proprio Damião declara no capitulo XX da Parte IV da *Chronica* d'aquelle monarcha, que escreveu.

Em julho de 1518, o joven alemquerense, andando, segundo elle diz, *em pellote*, teve com os outros fidalgos e senhores da corte, a honra de beijar a mão d'el-rei por occasião de se ter celebrado seu casamento, em Saragoça, com a Rainha D. Leonor; e a 13 de dezembro de 1521 assistiu, em Lisboa, aos ultimos momentos do grande soberano que marcou epoca na historia do seu paiz.

A subida de D. João á corôa foi a nascença da boa estrella de Damião de Goes. Tanto o novo rei, como a sua esposa, D. Catharina, parecem ter conhecido, desde logo, o primoroso do joven cortezão, e não tardou que fosse empregado no serviço da patria. Em 1523, já de maior edade, GOES saiu pela primeira vez de Portugal, caminho de Flandres, onde ia exercer o importante cargo de escrivão da Feitoria. Segundo os *Retratos e Elogios*, a viagem foi feita na armada capitaneada por Pedro Affonso de Aguiar, e na nau commandada por Diogo Fernandes de Faria. Da mesma fonte se colhe que depois de uma residencia de seis annos, isto é, em 1529, achando-se em Antuerpia, foi mandado por el rei a Hosteland, e de lá a Wilna, d'onde passou a Dantzic. Foi por este tempo que elle começou os estudos classicos que o tornaram tão apreciado e estimado dos homens de letras de seu tempo.

Em agosto de 1530 a sua correspondencia com el-rei mostra que tinha regressado a Flandres, estando no dia 22 d'aquelle mez em Antuerpia, e, em 28, em Amsterdam.

No anno seguinte foi, por ordem de D. João III, á corte de Frederico, rei da Dinamarca, e no regresso passou por Lubeck, aonde jantou á mesma mesa com o lutherano João Pomerão, dando assim começo ás suas relações com os herejes, que tão caro lhe deviam sair por fim.

Depois foi encarregado de segunda missão á Polonia, tratar com certos commerciantes da cidade de Posnia. O seu itinerario levou-o á cidade de Witemberg, aonde moravam Martin Luthero e Phelippe Melancthon, com quem atou relações summamente perigosas para um portuguez n'aquella epoca. Esteve mais tarde em Dantzic, e voltou novamente á sua feitoria.

Em dezembro de 1531 dirigiu a Johannes Magnum, arcebispo de Upsalia, a carta dedicatoria do seu *Legatio Magni Indorum Imperatoris Presbyteri Johannes ad Emanuelem*, etc., a primeira edição da qual saiu em Antuerpia, em 1532, e n'este ultimo anno foi estudar a Lovania, d'onde, no fim de oito ou nove mezes, teve de partir, por causa de uma doença d'olhos, e foi a Friburgo travar conhecimento com o celebre Erasmo, com quem passou um dia inteiro. De Friburgo seguiu a Basiléa, aonde esteve na companhia de Sebastião Munstero e Simão Gryneus, lutheranos, e de lá regressou a Lovania continuar o estudo da lingua latina.

Em 1533 publicou-se, em Bolonha, o *Legatio David*... *ad Clementem*, etc., segundo Ferdinand Denis. N'este anno GOES esteve em Paris, aonde visitou um Frei Roque d'Almeida, que foi suspeito em materias da Fé.

Empenhando-se el-rei para que GOES voltasse á patria a exercer o cargo de Thesoureiro da India, elle desculpou se quanto poude, mas por fim, não vendo outra saida, e não desejando melindrar seu protector com uma recusa formal, fingiu que tinha promettido ir em romaria a S. Thiago de Galliza, para a qual obteve licença, e depois de lá estar escreveu a el-rei, pedindo dispensa de acceitar a graça offerecida.

De S. Thiago tomou o caminho d'Allemanha, animado do ferventissimo desejo de continuar os estudos, e foi hospedar-se em casa de Erasmo, na cidade de Friburgo, com quem viveu quatro ou cinco mezes em 1534.

Partindo de Friburgo foi tratar de seus negocios a Antuerpia, e no caminho para aquella cidade passou por Argentina, aonde conversou com W. F. Capiton, Martin Bucero e Gaspar Hedio, todos lutheranos de grande renome.

Novamente de visita a Erasmo, pouco depois foi estudar a Padua, aonde viveu seis annos, tendo estado em 1536, ao que parece, com Erasmo, quando este já se achava doente da enfermidade de que falleceu a 11 ou 12 de julho. Em Padua conviveu com o cardeal Jacob Saddoleto.

Em 1538 saiu, em Veneza, a primeira edição da sua traducção do *Livro de Marco Tullio Ciceram, chamado Catam Mayor, ou da Velhice*, e, no mesmo anno, o auctor, regressando a Flandres, casou, com licença de D. João III, com D. Joanna de Hargen, filha de André van Hargen e sua mulher Catharina Suys, ambos apparentados com algumas das melhores familias de Hollanda.

O consorcio não o fez descançar no caminho das letras que, com tão notavel exito começara a trilhar. Em setembro de 1539 publicou, em Lovania, o *Commentarii rerum gestarum in India*, etc., que foi seguido, em setembro, do anno seguinte, pelo celebre *Fides, religio, moresque Aethiopum*, etc., dado á luz nos prelos da mesma cidade.

Em 1541 publicou-se, em Paris, o *Deploratio Lappianae gentis*, e a 28 de julho d'aquelle anno appareceu a pequenina sombra na boa estrella de GOES, que, sem elle o saber, estava destinada a offuscar-lhe de todo o brilho, e tornar-lhe a felicidade em desventura. Foi o primeiro signal de desagrado que o protegido dos principes recebera, e veio n'uma carta do cardeal-infante D. Henrique, informando-o que tinha prohibido a venda do seu livro sobre a fé e religião dos Aethiopes, por lhe parecer menos orthodoxo nas ideias.

Não impediu esta carta a publicação de uma nova edição do *Fides*, feita em Paris. Repellindo de si toda a ideia de ser menos catholico, talvez GOES não désse o devido valor á tempestade que se formava na patria. N'este mesmo anno escreveu a sua resposta a Munster, intitulada *Pro Hispania adversus Munsterum defensio*, e no anno seguinte publicou em Lovania a primeira edição do seu livro *Hispania*. Em Lovania esteve em 11 de abril de 1542, porque n'aquella data escreveu a João Diogo Fugger, que lhe respondeu de Augsburgo a 8 de maio seguinte; e mais esteve durante o cerco d'aquella cidade, no qual foi eleito pelo Senado para defender a praça, tendo por collegas tres capitães, Conrado, Conde de Wernemberg, Jorge de Rolyn, senhor de Emery, e Philippe Dorlay, Balio de Brabante. Fugindo estes, ficou só no commando e, não podendo resistir pela força d'armas, lançou mão de um ardil de guerra, fazendo acreditar aos sitiadores que tinha recursos mais que sufficientes, e soccorros proximo a chegar, pelo que, capitulando, alcançou condições excessivamente favoraveis. Porem o general Francez, Nicoláo de Beaufut, quando descobriu o logro em que caira, prendeu-o, e levou-o a França, a Vermandois, d'onde, por mandado de Francisco I, foi remettido a Fontainebleau e, sendo julgado pelo Conselho d'Estado boa presa, perto de um anno depois, foi obrigado a resgatar-se por 6:300 escudos de ouro, alem de outras despezas que importaram em mais de tres contos de reis.

Em 1544 parece que Goes se achava outra vez em Lovania, com os seus, porque publicou novas edições do *Fides*, do *Deploratio* e da *Hispania*, e deu á luz a primeira edição do *Diensis nobilissimae Carmaniae*, e uma collecção de cartas latinas por elle escriptas ou recebidas. No mesmo anno foi agraciado por Carlos V com um brazão d'armas em premio de seus serviços em Flandres.

Por este tempo as regias missivas ordenando o seu regresso ao reino repetiram se, mas Goes, em carta de 12 de julho de 1544, escripta de Anterpia, desculpou se de não cumprir, allegando a indisposição da esposa. Forçoso era porem, obedecer e, no anno seguinte, Goes regressou a Portugal com a mulher e os filhos que, pela primeira vez, viam a terra a que pertenciam.

Vindo com uma certa abastança, uma esposa de nobre linhagem, e um nome conhecido em toda a Europa, recebido com estima e consideração no paço, aonde as suas descripções das terras que percorrera e dos homens eminentes com quem estivera em contacto seriam escutados com o mais vivo interesse, e as suas relações por isso cultivadas com afan, não pode causar admiração que desde logo, Goes se tornasse alvo da mais virulenta inveja e odio.

El-rei e a Rainha formaram o projecto de o nomear mestre e guarda roupa do infante D. João, pai de el-rei D. Sebastião, mas tão honroso cargo foi dado a Antonio Pinheiro, depois feito Bispo de Miranda. Quem realmente cobiçava o posto, era mestre Simão Rodrigues, chefe dos jesuitas em Portugal, e elle, para de todo pôr Goes fóra de combate, denunciou o á Inquisição d'Evora, em setembro de 1545, achando-se o denunciado ahi residente.

Por motivos que hoje não podemos certificar, a denuncia foi archivada e não produziu effeito immediato. Goes continuou a frequentar a corte, ora vivendo em Lisboa, ora em Alemquer. Em 1546 publicou em Lisboa a *Urbis lovaniensis obsidio*, uma descripção do cerco de Lovania, devendo ter apparecido no verão d'aquelle anno, porque o auctor escreveu de Alemquer a 13 de julho, informando el-rei que já se achava impressa.

Ainda a 19 de abril de 1547, residia Goes na terra aonde nasceu do que ha prova; mas no anno seguinte é provavel mudasse a residencia para a capital, porque a 3 de junho foi nomeado Guarda-mór da Torre do Tombo.

Em janeiro de 1549 saiu dos prelos lovanienses o *De Bello Cambaico Ultimo*, de Damião de Goes.

No anno seguinte, a 24 de setembro, mestre Simão, cujo odio estava ainda por saciar, ratificou a sua denuncia perante a Inquisição de Lisboa; mas ainda d'esta vez não teve andamento.

Durante os cinco annos seguintes pouco se sabe da vida do nosso biographado. Em 1554 saiu em Lovania, em mez incerto, a *De rebus et imperio Lusitanorum*, uma descripção succinta da do paiz; e dos prelos eborenses saiu, em outubro, o *Urbis Olisiponensis*, descrevendo a capital n'aquella epoca.

Em 1555, cumprindo um piedoso dever, Goes mandou pôr uma campa, com epitaphio em latim, sobre os restos dos seus maiores na igreja do convento de S. Francisco de Alemquer, aonde ás vezes se ia confessar, campa que ainda existe, e em 1560, tendo adquirido o direito de sepultura na capella-mór da igreja da Varzea, da mesma villa, na qual tinha recebido as aguas do baptismo, reedificou aquella parte do edificio, fez jazigo com campa e inscripção, e collocou nas paredes lateraes, de um lado os brazões d'armas d'elle e da esposa, de bella esculptura, e do outro uma pedra com um epitaphio de sua lavra, a sua effigie, e a cruz da ordem de Christo de que era cavalleiro.

Por este tempo andava Goes empenhado na composição da obra em que a sua fama mais se baseia, a *Chronica d'el-rei D. Manoel*, de que fora encarregado pelo cardeal D. Henrique em 1558. Oito annos da sua vida foram gastos na producção d'esta Chronica, e na do Principe D. João, depois el-rei segundo do nome. Parte do seu tempo se passava então em Alemquer e parte em Lisboa.

Em 1565 recebeu em sua casa, na capital, os estrangeiros que vieram para conduzir a princeza, D. Maria, á Belgica; e a 5 de junho de aquelle anno foi tomado por D. Sebastião como fidalgo cavalleiro da sua casa, em remuneração, talvez, de tão delicado acto.

Em 17 de julho de 1566 chegava Goes ao apogeo da sua gloria. Acabou-se de imprimir em Lisboa a Parte I da Chronica d'el rei D. Manoel; a 10 de setembro deu-se por prompta a Parte II; a 29 de janeiro de 1567 acabou se a Parte III; e a 25 de julho ficou a obra grandiosa completa com a impressão da Parte IV. Já em 11 de abril d'este

IV Centenario de Damião de Goes

EGREJA DA VARZEA, ONDE ESTÁ SEPULTADO DAMIÃO DE GOES

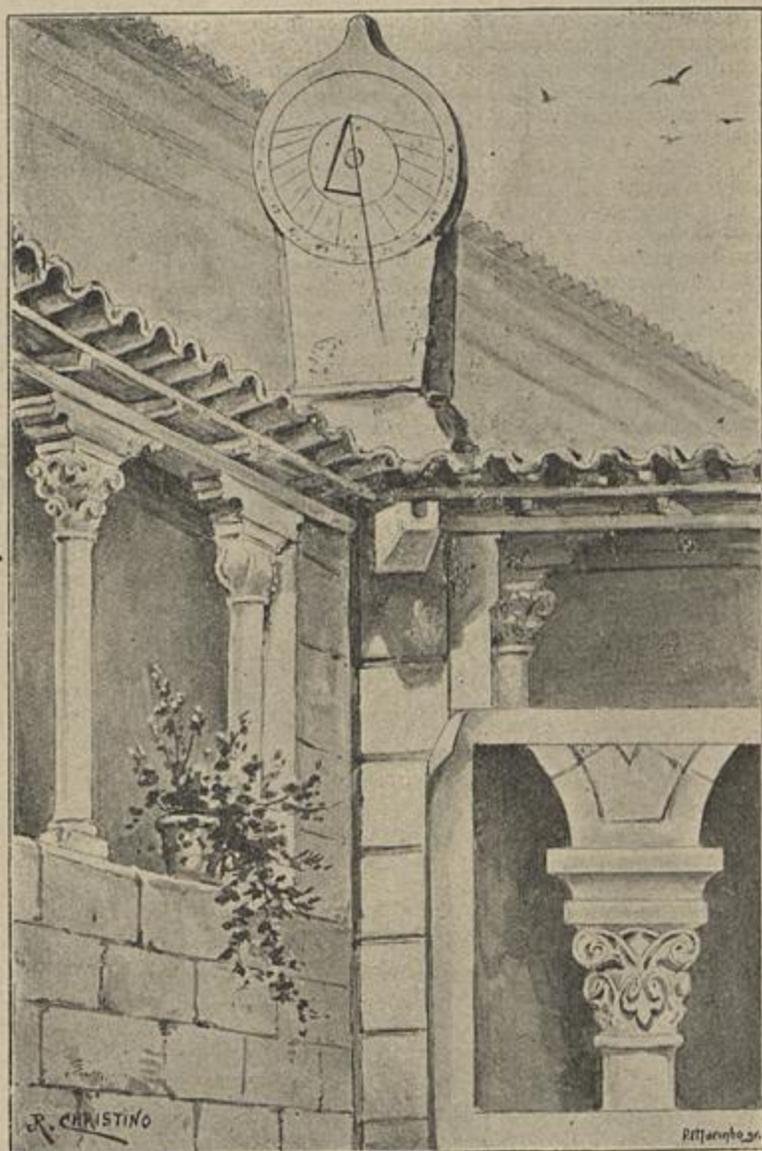
LAPIDE NA EGREJA DA VARZEA, EM ALEMQUER
Epitaphio de Damião de Goes

LAPIDE NA EGREJA DA VARZEA, EM ALEMQUER — Brazões de Damião de Goes e de sua mulher D. Joanna de Hargem

CABEÇA DE DAMIÃO DE GOES,
EM PEDRA,
QUE ENCIMA A LAPIDE DO SEU EPITAPHIO

IV Centenario de Damião de Goes

EGREJA E EX-CONVENTO (HOJE HOSPITAL)
DE S. FRANCISCO DE ALEMQUER,
ONDE JAZEM OS PAES E AVÓS DE DAMIÃO DE GOES

A VILLA DE ALEMQUER — Bairro de Triana

RELOGIO DE SOL, DADO POR DAMIÃO DE GOES
AO CONVENTO DE S. FRANCISCO, EM ALEMQUER
Um dos capiteis das columnas do claustro

A VILLA DE ALEMQUER, PATRIA DE DAMIÃO DE GOES, VISTA DO LADO DA CHEMINA

ultimo anno se tinha dado á luz a *Chronica do Principe D. João.*

Estava chegado o tempo de descançar, e de recolher o premio do trabalho. Em 28 de janeiro de 1566, o illustre escriptor tivera mercê de uma tença de 20$000 réis; a 7 de junho do mesmo anno, teve mercê do foro das terras de Magalhães em vida d'elle e da sua mulher, que, por carta do dia seguinte, foi continuada á sua filha D. Isabel; e em 18 de novembro seguinte obteve a nomeação de Ambrosio de Goes, seu filho, para o logar de Guarda-mór da Torre do Tombo, quando vagasse por morte do pai.

A 5 de agosto de 1567, D. Sebastião concedeu brazão d'armas a Damião de Goes, egual ao que lhe fôra dado por Carlos V.

Nos annos seguintes ha documentos que mostram que Damião de Goes não estava esquecido pela Côrte, e que exercia as suas funcções na Torre do Tombo. Suppõe-se que alguns trechos das suas *Chronicas* tinham melindrado pessoas de alta cathegoria, que apenas esperavam occasião azada para o perderem, mas de nada d'isso ha certeza absoluta.

Em 4 de abril de 1571 rebentou a bomba preparada em Evora, em 1546, por mestre Simão Rodrigues. Damião de Goes, com sessenta e nove annos de edade, e viuvo da esposa que tanto amara, foi capturado e entregue aos carcereiros da Inquisição. A 6 de novembro de 1571, Antonio de Castilho foi nomeado para o substituir na Torre do Tombo

Após vinte mezes de prisão, ralado com inquirições, com a saude completamente estragada, o pobre velho que tão bons serviços prestára á patria, foi remettido ao mosteiro da Batalha para acabar o pouco que lhe podia restar da triste existencia, em penitencia pelos erros de fé que nunca realmente abraçára. As obras d'arte que com tanto amor juntára, e de parte das quaes tão generosamente fizera distribuição por egrejas e por particulares, todas foram confiscadas. Nada escapou ao rigor do fisco.

A 16 de dezembro de 1572, Damião de Goes foi entregue no mosteiro da Batalha; a 30 de janeiro de 1574 foi enterrado no seu jazigo na capella mór da egreja de Nossa Senhora da Varzea, em Alemquer. Do que aconteceu entre aquellas datas nada se sabe de certo. Diz-se que foi solto do convento por ordem do Cardeal Infante, depois de lá estar mais ou menos tempo, e que foi viver na sua casa em Alemquer, onde morreu. Ha toda a probabilidade d'isto, porque era o que succedia, geralmente, não por compaixão do tribunal ou do Infante, seu presidente, mas porque nos conventos não se acceitavam de boa vontade hospedes privados de recursos.

Morreu! mas qual o genero da sua morte não se sabe. Diz-se, e tambem é plausivel a tradição, que depois de solto foi procurar o filho que estava no convento de Alcobaça, e que no caminho, tendo de pernoitar n'uma estalagem, mandou os criados recolher, ficando elle ao pé da chaminé, lendo certo papel. Pela manhã foi encontrado sobre o brazeiro, carbonisado, mas conservando ainda intacto na mão o papel.

*

Damião de Goes teve onze filhos; oito de matrimonio e tres illegitimos. Aquelles foram:

Manuel de Goes,
Ruy Dias de Goes,
Ambrosio de Goes,
André de Goes,
Fructuoso de Goes,
Antonio de Goes,
Catherina de Goes,
Isabel de Goes,

Os illegitimos foram.

Manoel,
Isabel,
Maria.

D'estes todos ha apenas a certeza de Isabel ter deixado um filho, *Alvaro de Sousa*, que, tendo morto a esposa, aleivosamente, foi executado em figura na praça de Alemquer, porque tinha fugido para a Belgica, onde professou e morreu frade.

E' tradição que o filho Manoel casou com Francisca Duval, e que d'elle descendem os Condes de Goes, da Austria. Nada, ha, porem, que prove isso.

Guilherme J. C. Henriques.

Anno de 1574.

Aos xxx. dias do mes de Janr.º do año de [illegible] faleceo Damião de Goes e foi enterrado na capela mor desta Igr.ª e por verdade o asinei dia e mes e año ut supra [illegible] Luis velho [illegible]

FAC-SIMILE DO ASSENTO DE ENTERRAMENTO DE DAMIÃO DE GOES

ALMA, IMMORTAL?

«Onde vaes caminhante accelerado?
«Detem-te... não prosigas mais ávante;
«Negocio não tens mais importante,
«Do que e te á tua vista apresentado.

«Vê quantos d'esta vida tem passado,
«Reflecte em que terás fim semelhante,
«Que para meditar causa he bastante
«Terem todos os mais n'isto parado.

«Pondera, que induido d'essa sorte,
«Entre negociações do mundo tantas,
«Tão pouco consideras na da morte;

«Porém, se os olhos teus aqui levantas,
«Pára... porque em negocio d'este porte,
«Quanto mais tu parares mais adiantas.

(Junto de uma mumia na Capella dos Ossos annexa á egreja de S. Francisco, da cidade de Evora, e copiado pelo meu amig· Ex.mo Sr. João da Conceição Barreto, e^m 5-1-1879).

Não é facil permanecer tranquillo e despreoccupado diante de um cadaver; alguma coisa de mysterioso e de aterrador se passa então em nós que nós commove e nos agita!

Desde a creança até ao adulto, e desde o selvagem até ao civilisado todos manifestam exteriormente algum signal de impressões internas em face da morte.

Que motivo explica um phenomeno d'esta natureza, relativo ao que ha de mais certo e de mais trivial no mundo habitado?

Nascer, crescer e morrer: eis uma trindade soberana que contém, define e resume tudo!

Mas não ha differença de organismos, de destinos e de meios? Um ser tem assignalado vestigios de sua passagem dominadora sobre a propria Natureza, o homem! e a semelhante ser póde comtudo applicar-se esta phrase de Jules Paroz na *Historia universal da pedagogia*: «Nenhum animal nasce tão fraco como o homem e nenhum exige tantos cuidados physicos.»

Pois este ser fraco e sempre enfermo, levantou pyramides que ainda se conservam de pé, depois de quarenta seculos, foi vidente de tal categoria como Platão e sabio tão profundo como Aristoteles muito tempo antes que periodos aureos denominados de luzes fossem orientados pelos principios fundamentaes de sciencia moral que aquelles philosophos insignes formularam precedendo centos de annos o doutrinador da Judéa; pois este ser fraco e sempre enfermo, não satisfeito ainda com provas nimiamente operosas de tal quilate, pretendeu altear se de sua morada terrena e conseguiu deter o raio e quer atravessar espaços, vencendo atmospheras em machina aerea!

«Quem nos diz até onde podem chegar as conquistas da intelligencia, e o que lhe será eternamente vedado?» exclamou Miguel Arthur da Costa Santos em sua dissertação de concurso *Estudo sobre reparação organica* apresentada á escola medico-cirurgica do Porto; e, com effeito, quaes são os limites conhecidos de nossa faculdade intellectiva? Mysterio! e mysterio será sempre o problema imaginario da esphinge muda e inerte nos areaes do Egypto, e mysterio continuará sendo o quando inicial da vida no utero materno, e mysterio ficará para a impaciencia humana o momento de transito na hora do acabamento!

E negamos nós todavia, a realidade e objectividade de certas coisas de que temos a idéa?

Pôr em duvida a existencia de Deus, não constitue uma demonstração de necedade?

Escreveu Newton em uma carta dirigida ao doutor Bentley, a seguinte passagem citada por L. Poulin e E. Loutil no volume *Dieu* de suas conferencias na egreja de S. Roque, em Paris: «No movimento regular dos planetas e respectivos satellites em sua direcção, seu plano e grau de rapidez, ha o vestigio de um conselho, o testemunho de acção de uma causa que nem é cega nem fortuita, mas que é seguramente habilissima em mechanica e em geometria. Não duvideis d'isso: é absurdo suppôr que a necessidade preside ao Universo, porque uma necessidade cega, em toda a parte identica, não produziria a variedade que notamos em todas as coisas.

A astronomia encontra a cada passo o limite das causas physicas e por consequencia o cunho da acção de Deus. E' certo que os movimentos actuaes dos planetas não podem provir exclusivamente da gravitação; para que elles executem um movimento de revolução em tôrno do sol é preciso que um braço divino os arroje sobre a tangente de suas orbitas.»

E sobre ser loucura não seria tambem temerario cerrar as palpebras da visão externa e interna a uma verdade que assim brilha esplendente na face dos mundos?

«Felizes os grandes philosophos, direi eu n'este caso, valendo me dos termos de Arturo Soria y Mata no livro *Origem poliédrica das especies*, os mathematicos e os artistas que aprendem a soletrar maravilhas e a balbuciar prodigios n'este alphabeto da Suprêma Sabedoria!»

Existe pois, um Deus: e se Deus existe, como admittir só materia n'um ser pensante que na linguagem poetica e inspirada de um Lamartine e de um Victor Hugo sabe entoar hymnos de louvor ao Ente Eterno e que na magestade imponente e luminosa das espheras celestes sabe distinguir com firmeza as lettras que lhe formam o nome?

Que importa que um Haeckel diga na memoria *Estado actual de nossos conhecimentos sobre a origem do homem*, que: «A lei universal da conservação da materia e da energia domina a vida psychica dos animaes e do homem exactamente como todos os outros phenomenos naturaes»?

Que importa que um sabio de tanta reputação esteja convencido de coisas que outros contestam por seguirem opiniões oppostas?

Em uma dissertação do doutor José Maria Rodrigues, *Pensamento e movimento* encontra-se

esta passagem que póde responder ás palavras do allemão eminente: «entre as forças cosmicas, que se manifestam só por movimentos, e a alma humana, causa productora dos phenomenos psychicos, radicalmente differentes dos movimentos, ha um abysmo que as torna irreductiveis.

Cada alma humana que apparece de novo é, portanto, mais força mechanica, mais uma causa de movimento, que vem juntar-se ás já existentes.

Mas a energia do mundo physico continua invariavel, porque as forças mechanicas voluntarias, quando produzem movimentos, nada mais fazem do que dar uma certa direcção á energia ou forças existentes no mesmo mundo physico.

Antes de concluir, convem expôr aqui o que pensam a respeito da alma humana os fundadores da doutrina da conservação da força, invocada pelos materialistas para reduzirem aquella a simples movimentos. Roberto Mayer, que é considerado como o principal auctor da referida doutrina, exprime-se por esta maneira, no discurso pronunciado em Innsbruck, no anno de 1869, perante a assembléa dos naturalistas allemães: «O physico francez, Adolpho Hirn, que, junctamente com Joule, Colding, Holtzmann e Helmholtz, descobriu o equivalente mechanico do calor, admitte a seguinte doutrina, a meu ver tão verdadeira como bella: ha tres categorias de existencias: 1.ª a materia, 2.ª a força, 3.ª a alma ou principio espiritual... Está demonstrado que no cerebro vivo se realisam continuamente modificações materiaes, designadas pelo nome de actividades moleculares, e que as operações do espirito de cada individuo se acham intimamente ligadas com esta acção cerebral. Mas é um erro grosseiro identificar as duas actividades que se produzem parallelamente. Um exemplo esclarecerá plenamente a questão. Sabe-se que nenhum despacho telegraphico se pode transmittir sem a producção concomitante d'uma acção chimica. Mas o que o telegrapho transmitte, isto é, o conteúdo do despacho não póde ser considerado de modo nenhum como funcção d'uma acção electro-chimica. E' o que se póde dizer ainda com mais verdade a respeito do cerebro e do pensamento». E o physico francez, citado por Mayer, escreveu ainda não ha muito o seguinte: «Como physico tenho, além d'isso, procurado demonstrar que no mundo chamado vivo, organico, animado, as nossas forças do mundo physico não são sufficientes para explicar o mais insignificante dos phenomenos d'um certo genero, e que é preciso admittir para elles a existencia d'um elemento a mais, ao qual estão devolvidas as funcções directoras, organisadoras, com relação aos elementos do mundo physico, ao qual estão devolvidas as funcções chamadas *psychicas*, cuja importancia vai subindo gradualmente até chegar ao homem».

Ha mais do que materia, e assim como o facto de impossibilidade de geração expontanea nos conduz logica e coherentemente a admittir uma causa de vida extranha ás forças do mundo physico, assim tambem somos forçados a admittir no ser humano alguma coisa de immaterial, a alma, que no pensamento se revela potencia inconfundivel com o movimento, a que aquelle é irreductivel e a que este, pelo contrario, é submisso.

«O pensamento, com effeito, escreveu Charles Adam no livro *Estudos sobre os principaes philosophos*, apparece-nos como inteiramente distincto da extensão, e conhecemol-o differentemente. A intervenção divina é pois necessaria para um segundo acto creador.»

O homem é mais do que organismo e vitalidade, é um composto de duas substancias, uma das quaes, espiritual.

Entre a dôr moral e a dôr physica levanta-se uma barreira insuperavel, que, deixando a descoberto de um lado toda uma serie de phenomenos que teem legitima e plena explicação nas leis physicas que regem o Universo, patenteia do outro lado a razão categorica que não consente filiação de phenomenos psychicos nos mesmos principios a que attribuimos por força de verdade experimental e por evidencia de luz aquelles de que se avaliam e aquilatam as proporções, que se pesam na balança como corpos solidos, que se examinam com escalpello no amphitheatro anatomico, que teem côr e feitio, dimensões e natureza vibratil.

Eis realidades que apenas participam das de ordem psychica no facto de existir simultaneo.

«E a idéa, disse Claude Bernard, citado por Nemo no volume *E pur si muove*, que constitue o ponto de partida ou o *primum movens* de todo o raciocinio scientifico; é ella egualmente o seu termo na aspiração do espirito para o desconhecido.» A alma resiste á morte physica ou é attingida com seu companheiro após a jornada da vida?

O que é morte? «A morte, sustentou no *Solidarismo* o Visconde de Coruche, pode dizer-se que não existe, o que existe é a sequencia da vida de todos os seres visiveis e invisiveis, uns que evidentemente vivem como nos parece vel-os, outros que não vemos como vivem, mas que vivem como nós não sabemos.»

A substancia espiritual vae nobilitar outros seres, quando a substancia material em que habitava entra emfim nas solidões do silencio profundo?

Aqui ha mysterio: «O que é o conhecimento humano, e até onde alcança elle?» perguntava Descartes!

O immortal Pasteur teve estas palavras notaveis no seu discurso de recepção pronunciado na Academia franceza, registadas por Lodiel no interessante estudo sobre a vida futura intitulado: *Para onde vamos?* «Quanto a mim, pergunto a mim mesmo em nome de que novo descobrimento, philosophico ou scientifico, se podem arrancar da alma humana estas nobres preoccupações. Parece-me que a sua essencia é eterna. O que constituirá a força do homem de fé eternamente é que as doutrinas da sua crença estão em harmonia com os desejos do coração, ao passo que a crença do materialismo impõe á natureza humana repugnancias invenciveis. E o bom senso, o senso intimo de cada um, não proclama a responsabilidade individual? O materialista, pelo contrario, repelle-a. A cabeceira do ser amado que a morte acaba de ferir, não sentis dentro de vós qualquer coisa que vos clama que a alma é immortal? E' insultar o homem no seu coração dizer como o materialista: a morte é o nada!»

Crêr na immortalidade da alma será simplesmente dar testemunho de orgulho e de vaidade? Se Deus existe a alma é immortal: não se comprehende um ser suprêmo e ideal de justiça, noção de dever, aspiração á felicidade sem a sancção correspondente. No theatro social da existencia e no proprio laboratorio immenso da natureza, nada ha capaz de despertar no espirito a idéa de immortalidade: tudo ahi se cumpre na ordem de movimento e na linha de transformação.

No ponto de vista, porém, da esphera moral, o caso é differente: ha alma e faculdades que remontam da terra para o invisivel; que não se fartam de triumphar nos dominios do conhecido e que não se saciam descobrindo segredos no processo de applanar difficuldades pela preoccupação constante do Infinito; que caminham até de precipicio em precipicio na inconsciencia de perigo para surprehender em regiões do Alto a decifração de todos os enygmas e o genuino fundamento de todos os mysterios na belleza original, a essencia do Increado pela visão pura da Divindade!

Ora, se definir é desenvolver os caractéres da idéa, como succede conceber o finito a idéa de infinito? o mortal a idéa de immortal? o que é terra a idéa do que não é terra? Não sei de outra solução acceitavel para semelhante problema que reconhecer a verdade de um Deus e uma vida perpetua além da campa!

E' certo acastellarem-se nuvens sombrias que perturbam e confundem todas as intelligencias em seu anhelo ardentissimo de devassar arcanos do passamento e destinos ulteriores, mas não é menos certo o inexplicavel e absurdo resultantes de determinadas modalidades mentaes desde que se prescinde de alma no homem e de Deus na creação.

A somma de parcellas não diverge da natureza de cada uma d'ellas; representa maior importancia numerica no conjuncto, mas offerece na quantidade as mesmas fórmas de algarismo e exprime sem alteração a mesma addição de unidades!

Fugir de campos definidos por lineamentos naturaes, desprezar orgãos sensorios que bastam á economia animal, não supportar as restricções que a fatalidade faz impender sobre o homem e enlevar-se em cogitações que transcendem horisontes e em anceios que significam deslumbramentos de sonho e espasmos de loucura na hypothese de ser tudo materia, é maior absurdo que negar Deus e regeitar alma, só pelo facto de se antolharem como coisas obscuras, como phantasmas de magia!

Oh! mas os proprios materialistas escrevem capitulos em que intentam demonstrar a immortalidade da materia e o immanente da força physica; e se os apostolos do atheismo não hesitam em semelhante empreza não obstante semearem de lacunas os assumptos em que deveriam precisar definições claras e adduzir provas authenticas, que motivo ponderoso obsta a que se affirmem crenças de vida futura em circumstancias aliás obscuras para quem como o homem é contido pelo alcance da pupila e adstrito por sensações e sentimentos?!

Alma — Immortal! — centelha divina, pharol de esperança! sois verdades sublimadas no consenso da humanidade e no tribunal da Historia: se alguns povos e alguns pensadores são guiados por conceitos erroneos e por miragens enganosas que não passam do humus planetario, tendes acima de taes excepções singulares a consagração solemne dos povos nos cultos mais alevantados de todas as religiões e na evolução irresistivel dos progressos em todas as edades e nas civilisações mais adiantadas!

Homem não desce inteiro á sepultura, nem espirito se apaga quando a morte empolga o corpo: «a alma, bem como o arabe, li eu algures, deixa a tenda no deserto e sóbe em vôo aberto da borda da campa ao céu.»

Existe um Deus, e para Elle appellamos nas agonias da miseria e nos aggravos da injustiça; não foi debalde que se crearam premios e se inventaram recompensas para merito de obras e austeridade de virtudes.

Sempre, porém a sociedade fica em divida aos mortos, e nunca os applausos dos contemporaneos e os louvores da posteridade pagam sacrificios de vidas e resgatam débitos de honra; só ha Deus que o faça, immortalidade da alma que o consinta!

Tal é a minha fé e tal é a minha esperança intima!

E nem assértos de sciencias naturaes, nem devaneios philosophicos, nem arautos de materialismo podem arrancar-me d'aqui: estou tão seguro de uma e de outra coisa como de que não ha quadrado sem quatro lados e circulo geometrico sem centro.

O esforço de dedicação heroica que acaba luctando em defesa da boa causa ha de por força receber além da morte o galardão da virtude.

E' esta a Justiça divina!

D. Francisco de Noronha.

METEOROLOGIA

Fevereiro de 1902

Observações diarias

Dias	Barometro	Temperaturas extremas	Céu	Vento	Chuva
	mm	° °			mm
16	769,4	12,4– 4,3	Nublado	NNE	0,0
17	765,2	15,2– 9,5	»	WNW	13,8
18	767,0	14,4– 9,0	»	SSE	0,0
19	758,9	12,0– 7,5	»	NW	11 6
20	758,2	13,1– 7,6	»	WNW	14,6
21	764,8	14,3–10,2	P. nublado	NNW	0,8
22	763,9	13,8–11,1	Encoberto	SSW	0,3
23	757,2	13,8–11,7	»	SSE	1,7
24	754,3	14,9–11,3	Nublado	WSW	24,3
25	757,7	14,9–12,2	Encoberto	SW	24,5
26	758,1	15,1–13,2	»	»	2,0
27	756,5	14,9–10,9	Nublado	W	7,0
28	748,5	12,9– 9,9	»	SSW	3,7

CHRONICA METEOROLOGICA

Persistiu o regimen chuvoso durante toda a segunda quinzena com temperatura um pouco acima da normal. Em 16, a chuva na Serra da Estrella foi de 31mm,0, em Lisboa de 13mm,8, em Regoa 12mm,0. Em 18, o pluviometro accusou 13mm,0 na Regoa, 12mm,0 no Porto e em Vendas Novas. As chuvas tornaram-se, porém, torrenciaes a partir de 23. Registaram-se: em 23, na Guarda e Serra da Estrella 40mm,0, Evora 27mm,0, Lisboa 24mm,3, Coimbra 19mm,6, etc. Em 24, na Serra da Estrella 59mm,0, Guarda 30mm,0, Lisboa 24mm,5, Evora 20mm,0, etc. Em 25, na Serra da Estrella 129mm,0, Coimbra 45mm,4, Regoa 38mm,0, etc. Em 26, na Serra da Estrella 79mm,0, Guarda 27mm,0, Regoa 18mm,0, etc.

O FRASCO DE PRATA

POR

Eugène Berthoud

I

TRES BONS DESEJOS INVEROSIMEIS

O tilbury do Conde Octavio de Soubran, entre os milhares de carruagens sulcando a grande avenida dos Campos Elysios, corria como uma setta.

IV Centenario de Damião de Goes

Era ao fim d'uma tarde quente do mez de maio.

O Conde Octavio, bello rapaz de vinte e sete ou vinte e oito annos, de monoculo, bigode retorcido, perfumado charuto nos dentes, rosto alegre, como quem diz banhado nos magneticos effluvios da primavera e da mocidade, guiava a faca ingleza com a elegancia e habilidade d'um perfeito gentilhomem. A seu lado, recostado para traz, de braços cruzados, ia o groom, muito teso, attento e digno, como convem a um criado de casa boa.

Cruzava-se a cada instante o Conde, ora com uma caleche de brazões, ora com algum coupésinho abrigando um rosto amigo... Então, conforme a pessoa habitasse a solidão do bairro Saint-Germain ou as cythereas paragens do bairro Bréda, inclinava-se graciosamente ou atirava com a ponta dos dedos enluvados um simples gesto de familiaridade. Todos conheciam Octavio de Soubran; uma por uma, soerguera todas as camadas da sociedade de Paris, no rasto do filão de prata ou estanho, que tem por nome prazer. Não é pois de espantar que, em sua passagem, colhesse tanto olhar expressivo, suaves sorrisos, ternos cumprimentos.

Passou para além do Arco do Triumpho, e, dobrando a velocidade, chegou á porta Maillot e entrou no Bosque de Bolonha. Ahi, pareceu considerar um instante, e, de repente, deitou as redeas ao groom e saltou ligeiro para o chão cantarolando uma arietta de Rossini.

— Espero-o aqui, sr. Conde? perguntou o criado.

— Não, José, não me esperes, que eu demorome, disse Octavio com um alegre sorriso, revelador d'uma dentição magnifica.

O nariz subtil de José farejou logo aventura d'amor e as ventas abriram-se-lhe maliciosamente.

— Volta então para casa?

— Tambem não, meu rapaz, que eu já não tenho casa.

— A casa... do sr. Conde... já não é... do sr. Conde? balbuciou o José com espanto temperado pelo respeito.

— Vendi-a, disse Octavio.

E rindo, accrescentou entre si:

— Que remedio senão pagar aos credores!

José atirou os braços para o ar, trementes de estupefacção.

— O sr. Conde paga aos credores! suspirou elle, rolando uns olhos doidos, que diziam sem duvida:—Pois estará a desabar a ressurreição da carne?

O olhar severo do patrão reprimiu-lhe a indiscreta manifestação da physionomia e logo o fiel criado perguntou:

— Onde hei de eu recolher o carrinho e miss Annah?

— Em casa do Duque de Villerier. Comprou-me toda a mobilia e toda a cocheira.

— Pois tambem o tilbury?... E tambem miss Annah? murmurou com fraquissima voz o groom quasi a desmaiar de pasmo.

IMAGEM DO ECCE HOMO, OFFERECIDA POR DAMIÃO DE GOES Á EGREJA DA VARZEA DE ALEMQUER

E logo:

— E eu, senhor? perguntou com angustia.

— Tu, José?

— E eu?... onde vou bater?

— Isso agora... onde muito bem quizeres.

— Onde... eu... quizer! disse o groom batendo as syllabas e com medo de perceber.

— Pois está claro. Não recebeste hoje de manhã o teu ordenado?

— Quer dizer que o sr. Conde, com a sua liberalidade do costume, me deu tres ou quatro ordenados, o que muito lhe agradeço, mas...

— E então?

— Mas quero esperar que isso não queira dizer...

— Não esperes, José, não esperes. Isto quer dizer que estás livre.

— Livre, senhor!... Eu!...

— Livre como um passarinho!

O groom enfiou.

— Então o sr. Conde põe-me fóra?

— Não te ponho fóra, José, mas, se já não preciso de ti, aconselho-te a que busques melhor fortuna, ora aqui tens.

— O sr. Conde tem alguma razão de queixa do meu serviço?

— Nenhuma, meu rapaz. Sempre te conheci, é verdade, bebado, mentiroso e mandrião, mas esses defeitos estacionaram; não augmentaram, nem diminuiram, nem me fizeram nunca transtorno grave. Tua apparencia não é má e não me roubaste muito mais que os teus collegas. E's afinal um bom criado e por isso assignei o teu attestado. Vae descançado e estimo que tenhas sorte.

— Mas, disse o José a gaguejar de saudades, que vai o sr. fazer, para onde vai morar?

— Que quer dizer, sr. José? disse o sr. de Soubran com seu modo mais altivo.

O groom tanto se atarantou com o olhar imperioso do amo, que, depois de cumprimentar até ao chão, saltou lesto para a almofada, voltou redeas e de-appareceu sem mais palavra.

O Conde, só, consultou o relogio.

— Vamos, disse com um gesto de impaciencia, apressei-me demais; ainda tenho que esperar uma hora... e nem uma arma para matar o tempo!...

Bocejou e devagarinho metteu-se por uma alameda deserta. A atmosphera limpida e balsamica fazia rebentar os renovos nas arvores e trepar a seiva nos troncos remoçados; o ar enchia-se de alegria.

Os vagos perfumes da primavera teem virtudes que embriagam; enchem as almas novas d'um fermento de inquietos desejos; dão molleza ás almas cançadas.

Pouco a pouco indizivel serenidade acarinhou o coração de Octavio, que mergulhou n'um sonho e se deixou ir pela vertente avelludada das lembranças

(*Continúa*).

CASA DA QUINTA DO BARREIRO, ONDE SE SUPPÕE NASCEU DAMIÃO DE GOES